



Encontro Internacional sobre Gestão
Empresarial e Meio Ambiente

ISSN: 2359-1048
Dezembro 2016

A utilização de indicadores de Capital Social no Turismo de Base Comunitária

RENATA ROMERO FERRAZ

renataromero@yahoo.com

CARLA PASA GOMEZ

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

carlapasagomez@gmail.com

LUISA CHEREM DE ARAUJO PEREIRA

luisacherem@hotmail.com

A utilização de indicadores de Capital Social no Turismo de Base Comunitária

Resumo

Este artigo teve por objetivo desenvolver indicadores de Capital Social - CS para serem utilizados no Turismo de Base Comunitária - TBC. Para que um projeto de TBC seja bem sucedido, é importante que na experiência turística exista o Capital Social. Sendo assim, como um tipo de capital, este deve ter a capacidade de ser medido por meio de indicadores classificados a partir da revisão bibliográfica realizada neste artigo pelas categorias “confiança”, “redes”, “infraestrutura e “qualidade de vida”. Os procedimentos metodológicos adotados para a realização deste estudo foram a pesquisa bibliográfica e documental que possibilitaram elencar indicadores de CP advindos da teoria. Em seguida esses indicadores foram adaptados para TBC e, posteriormente, foram submetidos à validação por parte de especialistas da área. Dentre os principais resultados dessa pesquisa, tem-se que é primordial entender o CP em experiências turísticas de base comunitária, assim como que um conjunto de indicadores que seja capaz de medir Capital Social em projetos de Turismo de Base Comunitária pode servir de instrumento para estudar os fatores de sucesso e de fracasso de projetos implantados, bem como de auxiliar na tomada de decisões por parte dos gestores. Essa pesquisa construiu indicadores para futuras pesquisas em projetos já implantados em comunidades onde se há atividade turística desenvolvida por meio de gestão comunitária.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária, Capital Social, Indicadores

Abstract

This article aimed to develop capital indicators - CS for use in Community-Based Tourism - TBC. For a TBC project is successful, it is important that the tourist experience exists the capital. Thus, as a kind of capital, it must have the ability to be measured by indicators classified from the literature review in this article the categories "trust", "network", "infrastructure and" quality of life ". The methodological procedures adopted for this study were bibliographic and documentary research that made it possible to list CP indicators arising from the theory. Then these indicators have been adapted for TB and subsequently underwent validation by experts in the field. Among the main results of this research, it has that is critical to understand the CP in tourist experiences of community-based, as well as a set of indicators to be able to measure Social Capital in Community-Based Tourism projects can serve as a tool to study success factors and failure of implemented projects, as well as to assist in decision making by managers. This research built indicators for future research projects already implemented in communities where there is tourism developed through community management.

Keywords: Community Based Tourism, Share Capital, Indicators

1. Introdução

O turismo é uma atividade composta, entre outros pontos, a partir da interação entre atores sociais das mais variadas naturezas – turistas, profissionais, comunidade local receptora, poder público, iniciativa privada, academia, organizações não governamentais - que emergem de vários modelos adotados para sua exploração e para sua gestão, tais como a gestão tradicional e a comunitária. A atividade turística é reconhecida como importante geradora de renda e de trabalho, e pode ser entendida como possibilitadora na diminuição da desigualdade regional e social, além de ser caracterizado como mecanismo de inclusão e transformador socioambiental (IRVING, 2009).

Discorre Beni (1990, p. 16) que “o turismo é uma atividade que resulta do somatório de recursos naturais do meio ambiente, culturais, sociais e econômicos e, assim, o campo de seu estudo é abrangente, complexo e multicausal”.

Do ponto de vista mercadológico, a forma mais comum de se explorar o turismo é o chamado turismo tradicional ou “turismo de massa” na qual há uma procura repetitiva e predominantemente igualitária por um destino. Muitas vezes, essa atividade acontece sem a preocupação com a conservação do meio onde ocorre, seja ambiental ou cultural, para as gerações futuras, priorizando os lucros e os aspectos mercadológicos, bem como impondo padrões de consumo, sem levar em consideração as necessidades da comunidade autóctone receptora.

Em contraponto a esse modelo turístico tradicionalmente explorado, desenvolveu-se o chamado Turismo de Base Comunitária – TBC que, de acordo com Coriolano (2006), é aquele no qual as comunidades se associam com o intuito de desenvolver arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo. Ou seja, uma nova forma de gestão turística que engloba a comunidade local em todos os seus aspectos e fases do processo.

Sampaio (2005), considera o TBC um marco transformador ao se basear numa filosofia entre turista e comunidade de forma receptora, onde ambos possuem papel de agentes de ação socioeconômica, repensando as bases de um novo modelo de desenvolvimento turístico, no qual existe a preocupação da oferta de bens e serviços e dos impactos ambientais.

Discorre Coriolano (2008) que alguns fatores devem ser prioritariamente levados em consideração ao estudar o turismo comunitário e arranjos produtivos locais no TBC, são eles: capital social, dimensão territorial, diversidade de atores, conhecimento tácito, inovação, aprendizado, cooperação, governança, organização produtiva, articulação político-institucional, estratégia de mercado. Para Araujo (2010) e Márquez; Foronda (2005) o capital social facilita a cooperação espontânea, e tem a confiança, reciprocidade e participação como índices importantes do capital social que podem ser mensurados por meio de indicadores que os representem.

Portanto, é de suma importância estudar como interagem os atores sociais envolvidos, de modo a entender e viabilizar a atividade turística, por meio do empoderamento de todos, principalmente no caso de projetos que envolvam o TBC que, para obter êxito, precisam se valer do chamado patrimônio comunitário, elemento chave para a coesão de uma comunidade e, por conseguinte, para a formação do Capital Social dentro dela.

Destarte, como elemento-chave, é de suma importância estudar o Capital Social, bem como desenvolver indicadores capazes de medi-lo nas comunidades nas quais existem projetos que envolvem o turismo comunitário. A fim de explorar e analisar a problemática aqui apresentada, o artigo em curso pretende responder à seguinte questão de pesquisa: quais

indicadores podem ser utilizados para mensurar as manifestações de capital social contido em experiências turísticas de base comunitária?

Esse artigo está organizado da seguinte forma: a sessão atual apresenta as considerações introdutórias, a relevância do trabalho e o problema de pesquisa a ser tratado. A sessão seguinte detalha os referências teóricos, apresentando os principais fundamentos teóricos sobre TBC, Capital Social e Capital Social no TBC. As considerações metodológicas para a elaboração deste artigo baseiam-se em uma abordagem qualitativa e exploratória. A partir da revisão bibliográfica realizada foram selecionados indicadores de CP e adaptados para o TBC. Em seguida, foram realizadas entrevistas e aplicação de um questionário likert que posteriormente foram analisados, tomando como base a análise de conteúdo. Por fim, serão apresentados as análises dos resultados, as conclusões e considerações finais, assim como as limitações do estudo e propostas para novos trabalhos na área.

2. Revisão Bibliográfica

2.1 Turismo de Base Comunitária

O TBC vem se consolidando como uma alternativa de turismo diferenciado, que pode ser ambientalmente correto e viável para a organização do turismo no âmbito local. Segundo Bursztyn (2012) o Turismo de Base Comunitária vem se solidificando no Brasil na última década. Os tipos de iniciativas que o TBC apresenta, antes tidas como pouco reais, começaram a se articular de forma mais organizada e sólida, conseguindo então ganhar espaço, credibilidade e apoio para suas ações. Na visão de Hallack, Brugos e Carneiro (2011) em congruência com Sampaio (2005), não há uma definição única para elucidar o TBC, mas entende-se esse constructo como uma experiência turística que visa o desenvolvimento e a sustentabilidade local.

Aponta Maldonado, que o TBC (2009, p. 31) é uma maneira de se vivenciar o turismo de forma “sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos”, Reafirmando, assim, o caráter relacional do turismo, e centrando suas atividades na gestão coletiva e cooperativa, bem como nas relações mais próximas entre anfitriões e visitantes.

Fabrino (2013, p.14), corroborando e completando a ideia anterior, entende o TBC como “um modelo de desenvolvimento do turismo centrado nos recursos (humanos, naturais, de infraestrutura) endógenos. Nesta proposta, a comunidade local participa diretamente da concepção, desenvolvimento e gestão do turismo” e, por isso, deixa de ser passiva para ser agente das decisões e dos rumos do processo de implantação e exploração da atividade turística.

Vale ressaltar que, de acordo com essa definição, há a importância das iniciativas que partem das comunidades e que se valem de seus próprios membros e recursos naturais, fator importante para o sucesso dos projetos. Isso, muitas vezes, não ocorre na exploração do turismo de massa que, em geral, gira em torno de grandes empreendimentos controlados por grupos empresariais multinacionais que, muitas vezes, veem a comunidade local somente como fonte de mão de obra barata.

O Ministério do Turismo (BRASIL, 2010) resumiu as principais características do TBC como sendo: a autogestão; o associativismo e cooperativismo; a democratização de oportunidades e benefícios; a centralidade da colaboração, parceria

e participação; a valorização da cultura local e o protagonismo das comunidades locais na gestão da atividade.

Para Bartholo, Sansolo e Bursztyz (2009) a base do êxito de algumas experiências em TBC ocorreram a partir dos elementos-chaves do “capital social” e dentro dele os valores partilhados, a cooperação, solidariedade e confiança. A participação, a luta e a resistência fortaleceram o “capital social” desses projetos e por fim resultou na criação de um modelo de turismo que se apresenta como a expressão do desejo de seus atores sociais. Nesse novo paradigma do desenvolvimento, encontra-se o capital social relacionado com a perspectiva do Turismo de Base Comunitária.

2.2 Capital Social

Sobre capital social, Maldonado (2009, p. 29) afirma: o patrimônio comunitário é formado por um conjunto de valores e crenças, conhecimentos e práticas, técnicas e habilidades, instrumentos e artefatos, lugares e representações, terras e territórios, assim como todos os tipos de manifestações tangíveis e intangíveis existentes em um povo. Através disso, se expressam seu modo de vida e organização social, sua identidade cultural e suas relações com a natureza.

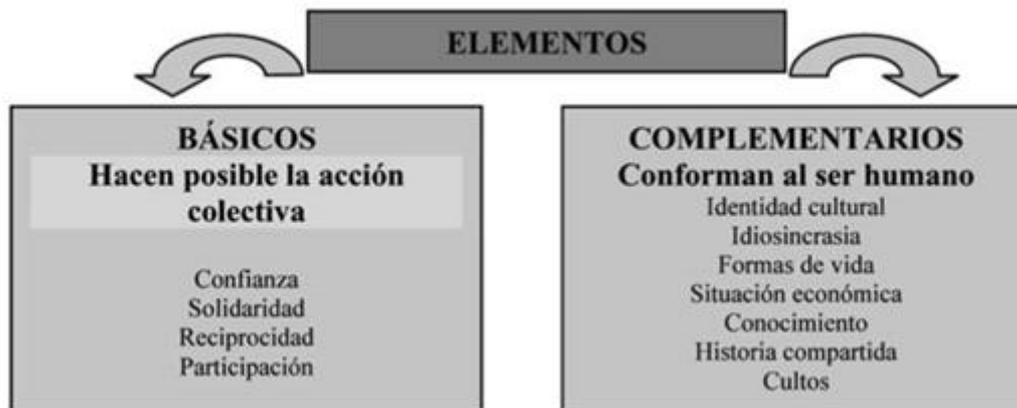
Tais relações, valores e crenças que compõem o patrimônio comunitário, também compõem o que se chama de Capital Social - CS que, de acordo com Pierre Bourdieu (apud Portes, 2000, p.2), numa perspectiva sociológica, pode ser definido como “o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo”.

Ainda segundo Portes (2000, p. 4), enquanto o capital econômico se encontra nas contas bancárias e o capital humano dentro das cabeças das pessoas, o capital social reside na estrutura das suas relações. Para possuir capital social, um indivíduo precisa de se relacionar com outros, e são estes — não o próprio — a verdadeira fonte dos seus benefícios. Portanto, três funções básicas do capital social, aplicáveis a uma variedade de contextos: (a) como fonte de controle social; (b) como fonte de apoio familiar; (c) como fonte de benefícios através de redes extrafamiliares.

Assim, ao analisar as três bases apontadas por Portes, podemos ver que as três funções básicas do Capital Social podem ser fatores importantes para o sucesso ou para o fracasso de um projeto de TBC. Dessa forma, o “controle social”, o “apoio familiar” e as “redes extrafamiliares” precisam ser coesos e podem ser definidos indicadores que os mensuram.

Márquez; Foronda (2005, p.3) afirmam que o Capital Social “expresa el valor de prácticas informales de conducta derivadas de valores integradores de relación, basados en lareciprocidad y laconfianza”, e completam apontando que ele é formado por “las relaciones de apoyo mutuo entre los diferentes actores”, relações estas que chamam de redes de compromisso cívico ou redes de compromisso mútuo. Dessa forma, as autoras observam que o Capital Social está representado por quatro dimensões que são mostradas na figura 01 representada abaixo:

Figura 01 - Dimensões do Capital Social



(Fonte: Marquez e Foronda, 2005)

Assim, a partir dessas quatro dimensões da figura, bem como a partir de todos os elementos e informações vistos no referencial teórico desse artigo, foram definidos os indicadores e os grupos ao quais eles pertencem para então serem avaliados por profissionais da área.

2.3 Indicadores de Capital Social adaptados para ao Turismo de Base Comunitária

Portes (2000) aponta alguns indicadores para se mensurar o nível de envolvimento associativo dos membros de um grupo, o que pode ser considerado como um meio de se medir aspectos de participação, reciprocidade e, sobretudo, confiança. Entre eles, destaca leitura de jornais e publicações locais, participações voluntárias em ações e associações, nível de confiança nas autoridades locais. Assim, entende-se reciprocidade e confiança podem ser utilizados como base para se definir indicadores de Capital Social em projetos de TBC, pois indicam o grau de coesão da comunidade envolvida e motivação de seus membros à participação voluntária.

Santos e Rocha (2011) afirmam que os indicadores de confiança são fundamentais para a formação do capital social, pois corroboram o senso de comunidade entre os membros de um grupo ou de uma nação. Na sua pesquisa, eles usam os seguintes parâmetros: “confiança interpessoal, confiança nas instituições e confiança política” (p.1). Isto é, quanto os membros confiam entre si, nas organizações e nas instituições, bem como na gestão pública nas esferas local, estadual e federal.

Dessa forma, pode se usar como indicador de confiança interpessoal a confiança que os membros envolvidos em um projeto de TBC depositam uns nos outros. Além disso, como medida de confiança das instituições, o quanto os membros de uma comunidade confiam em organizações como as associações e as Organizações não governamentais ONG’s, bem como o grau de participação nas decisões tomadas por elas. E, por fim, pode ser medido a de confiança em órgãos públicos como as prefeituras e secretárias de turismo das localidades onde os projetos ocorrem, representando assim a confiança política.

Já Tabosa et al (2010, p.51), partindo da definição de Putnam de Capital Social que são “características de organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”, propõem que sejam usados indicadores divididos em seis subgrupos abrangentes: “grupos e redes”, “confiança e solidariedade”, “ação coletiva e cooperação”, “informação e comunicação”, “coesão e inclusão social” e “autoridade e capacitação política”.

Em projetos de TBC, esses indicadores podem ser úteis, pois podem demonstrar quanto o projeto foi importante para o desenvolvimento da comunidade ou do grupo envolvido, pois o aumento da qualidade de vida pode representar um importante fator de empoderamento. Destarte, verificar informação, saúde, habitação e outros indicadores de qualidade de vida, bem como as variações ocorridas antes e depois da implantação de um projeto pode ser um meio eficaz de saber o Capital Social envolvido e o grau de fortalecimento de seus laços.

É importante frisar, no entanto, que, como já mencionado, durante a pesquisa, não foi encontrado material específico que tratasse de Capital Social no Turismo de Base Comunitária. Assim, os indicadores propostos no presente artigo são adaptações feitas por meio de aplicações em outros tipos de comunidades, como populações rurais e pescadores.

3. Metodologia

Este artigo apresenta uma abordagem qualitativa e quanto a finalidade da pesquisa, esta se caracteriza como exploratória. A abordagem qualitativa aqui escolhida justifica-se uma vez que, para Merriam (2009), o procedimento metodológico qualitativo é o mais adequado para tratar de temas sociais por permitir ao pesquisador compreender o significado atribuído pelos indivíduos aos fatos. A escolha se justifica ainda, segundo, Richardson (2008), que afirma que a abordagem qualitativa é a forma adequada de se entender a natureza de um fenômeno social.

Inicialmente foi feita a pesquisa exploratória, a fim de obter literatura tanto sobre Turismo de Base Comunitária – TBC, quanto sobre o Capital Social, pois de acordo com Gil (apud Oliveira, 2005, p.71), “as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla”.

Após essa etapa, foi possível a definição prévia de indicadores para a posterior validação deles por um grupo de especialistas integrantes do trade turístico, da academia e do poder público. Essa definição foi feita mediante a adaptação de indicadores encontrados na literatura utilizados para medir Capital Social em outros projetos comunitários, uma vez que não foi encontrada literatura específica que associasse TBC a Capital Social.

Os indicadores pré estabelecidos formaram o instrumento de pesquisa utilizado na etapa da coleta de dados, por meio de entrevistas e questionário aplicados com especialistas da área. A coleta de dados teve como objetivo a avaliação dos indicadores pré estabelecidos a partir da literatura.

Optou-se por utilizar um questionário que foi elaborado a partir da escala Likert cujas respostas forma submetidas a posterior análise qualitativa. A opção por um questionário utilizando a escala Likert justifica-se, pois, segundo o próprio autor que dá nome ao método (apud Sanches et al, 2011, p. 2), essa escala pretende “verificar o nível de concordância do sujeito com uma série de afirmações que expressem algo favorável ou desfavorável em relação a um objeto psicológico”. Ressalta-se que houve a opção por uma escala de 4 níveis, diferente do que acontece normalmente que é a adoção de uma escala de 5 níveis. Essa escolha foi propositalmente feita para evitar que os entrevistados optem pelo nível 3, o nível mediano, e que realmente se posicionem a respeito da relevância do indicador que está avaliando.

Foram realizadas 19 entrevistas e aplicação de questionários, sendo 7 representantes da academia, 6 do poder público e 6 do mercado turístico, nos meses de junho e julho de 2016. As entrevistas foram feitas de maneira presencial, quando possível, com duração de em média uma hora e meia, cada, bem como a distância por

meio de instrumento eletrônico desenvolvido pela autora, utilizando a tecnologia disponível na internet, por meio da ferramenta Survey Monkey. Ressalta-se que os dois questionários, usados para entrevistas presenciais e via internet são idênticos.

Após a aplicação dos questionários, o passo final foi a análise qualitativa dos dados que, de acordo com Gibbs (2009, p. 8), é maneira de “esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo a sua volta, o que estão fazendo ou o que lhes está acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereçam uma visão rica”.

Destarte, essa forma de análise foi escolhida pelo fato de que o Capital Social representa, entre outros elementos, um conjunto de relações humanas com o qual os membros de uma comunidade constroem e gerenciam o mundo a sua volta. Além disso, de acordo com Oliveira (2005, p.41) “esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionário, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva”. Sendo assim, consiste de uma metodologia eficaz ao tipo de pesquisa que se pretendeu realizar. Com isso, acredita-se que foram atingidos os objetivos propostos no início do artigo.

4. Apresentação e Análise dos Resultados

A partir do que foi exposto até o momento, segue abaixo a tabela 01 que sintetiza os indicadores encontrados na pesquisa bibliográfica, e adaptados ao contexto do TBC que podem ser aplicados na mensuração das manifestações de Capital Social em projetos.

Tabela 1 - Indicadores apontados pela literatura e Indicadores adaptados ao TBC

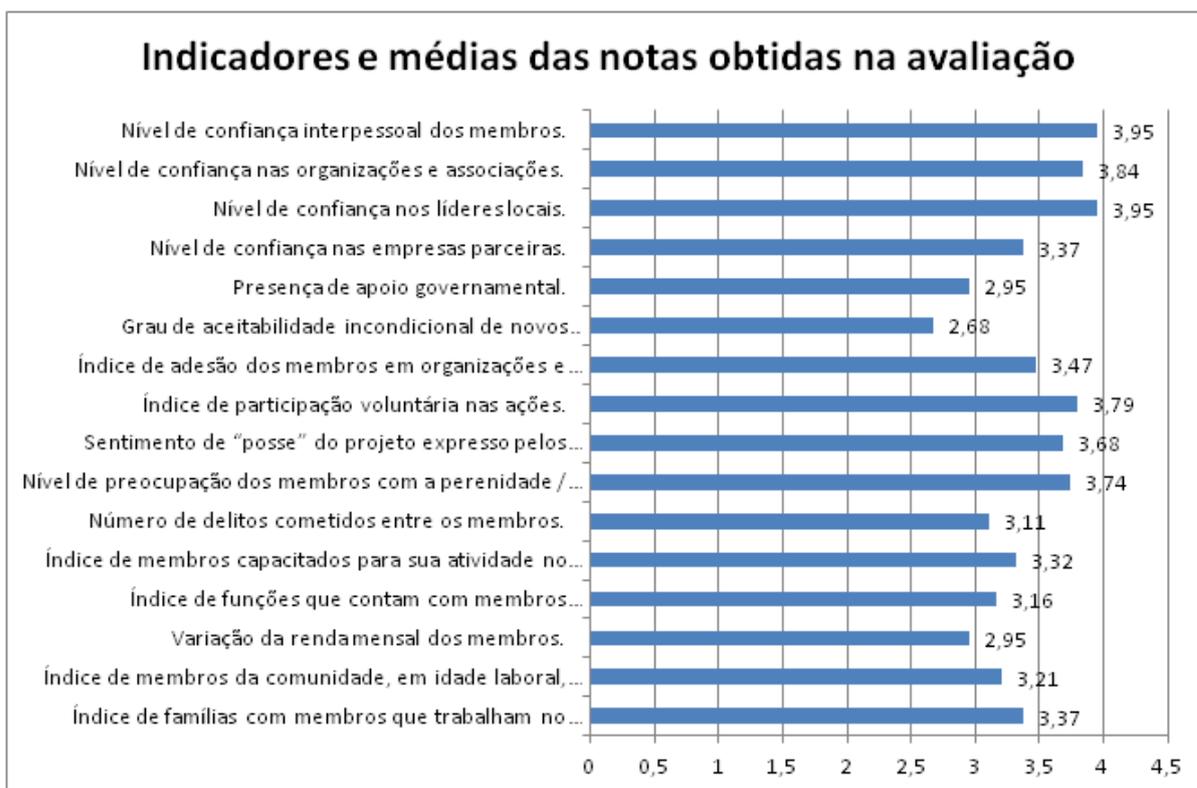
Grupo	Autores	Indicadores apontados pela literatura	Indicadores adaptados ao TBC
Confiança	Portes (2000) Santos e Rocha (2011)	Nível de confiança interpessoal dos membros. Nível de confiança nas organizações e associações. Nível de confiança em órgãos públicos e governo local.	Nível de confiança interpessoal dos membros. Nível de confiança nas organizações e associações. Nível de confiança nos líderes locais. Nível de confiança nas empresas parceiras. Presença ou não de apoio governamental. Grau de aceitabilidade incondicional de novos membros, estranhos à comunidade.
Redes	Tabosa et al (2010)	Percentual de participação dos membros de uma comunidade em ações e associações. Participações voluntárias em ações e instituições. Evasão de membros em ações e organizações.	Índice de adesão dos membros em organizações e associações. Índice de participação voluntária nas ações. Sentimento de “posse” do projeto expresso pelos membros.

			Nível de preocupação dos membros com a perenidade / continuidade do projeto.
Infraestrutura e qualidade de vida	Tabosa et al (2010) Santos e Rocha (2011)	Varição dos índices de criminalidade. Varição da renda mensal dos membros. Número de dissoluções familiares. Varição no consumo de drogas.	Número de delitos cometidos entre os membros, após a implantação do projeto. Índice de membros capacitados para sua atividade no projeto. Índice de funções que contam com membros multiplicadores de conhecimento. Varição percentual da renda mensal dos membros, após a implantação do projeto. Índice de membros da comunidade, em idade laboral, que trabalham no projeto. Índice de famílias com membros que trabalham no projeto.

Fonte: Elaboração própria

Os indicadores propostos para avaliação e validação por parte dos especialistas são subdivididos em três grandes categorias: “confiança”, “redes” e “infraestrutura e qualidade de vida”. Assim, o segue o gráfico com as médias obtidas por cada indicador, com nota máxima possível igual a 4 após entrevista e aplicação dos questionários.

Gráfico 01 - Indicadores e médias das notas obtidas nos questionários



Fonte: Elaboração própria

Pôde-se verificar que a confiança é a base para a formação do Capital Social. Portanto, essa foi a categoria de indicadores que obteve notas mais altas na avaliação dos especialistas que foram quase unânimes em afirmar que “sem confiança, não há Capital Social”.

Nas entrevistas presenciais, foi muito mencionado que a categoria “Confiança” é a base para o capital social e que, sem ela, não há o sentimento de comunidade ou de pertencimento em um grupo. Ou seja, segundo os especialistas, há que se cultivar a confiança como passo inicial e fundamental para qualquer projeto comunitário. Portanto, as notas obtidas pelos indicadores da categoria foram, no geral, altas.

O primeiro indicador “Nível de confiança interpessoal dos membros” foi frequentemente apontado como o mais importante com média de 3,95, pois, se os membros não confiam em si, simplesmente não há qualquer chance de formação de Capital Social. Portanto, optou-se por conservá-lo sem modificações.

O segundo indicador, “Nível de confiança nas organizações e associações”, de acordo com a entrevistas, pode ser desdobrado em 2 indicadores, especificando a natureza de cada ator, como organizações do terceiro setor – ONG’s e associações de moradores, artesão, etc. Assim, optou-se por dividi-lo em dois, apesar de sua média alta de 3,84, o que mostra que a organização dos membros em associações internas, bem como a presença de organizações do terceiro setor são fatores primordiais na formação do Capital Social em projetos de TBC. O terceiro indicador “Nível de confiança nos líderes locais” também obteve 3,95, outra avaliação positiva quase unânime.

O quarto indicador, “Nível de confiança nas empresas parceiras”, obteve uma média um pouco menor, com 3,37. Embora a confiança seja fundamental para se firmar qualquer tipo de parceria, muitas comunidades não possuem opções na hora de escolher, por exemplo, uma agência que comercialize seus produtos, ficando assim muitas vezes sujeitas a empresas nas quais não confiam ou não conhecem inteiramente.

O quinto indicador, “Apoio governamental”, foi muito discutido e obteve a média 2,95. Apesar do apoio do poder público ser importante, resultando, muitas vezes, em parcerias cuja existência é decisiva para o sucesso do projeto, é possível implementar algo sem a participação do Estado. Nas entrevistas, foi mencionado o fato de que, muitas vezes, o Estado chega quando o projeto já está em andamento ou já foi implantado por iniciativa dos próprios membros ou agentes indutores externos não governamentais como ONG’s, ou seja, quando o Capital Social já está em fase de consolidação ou consolidado. Portanto, esse indicador foi avaliado como não essencial, ou parcialmente capaz de medir Capital Social em projetos de TBC e, sendo assim, optou-se pela remoção dele na elaboração do conjunto final de indicadores.

O sexto e último indicador da categoria “Confiança”, “Grau de aceitabilidade incondicional de novos membros, estranhos à comunidade, no projeto”, foi o que obteve a menor média da categoria: 2,68. Entende-se tanto que uma comunidade coesa tende a ser mais resistente ao aceitar novos membros, quanto que novos membros trazem ideias e projetos novos e, muitas vezes, podem representar um incentivo. Sendo assim, optou-se por adaptar a redação do indicador que passará a ser “Aceitabilidade ou não de novos membros no projeto”.

A próxima categoria, “Redes” representa as relações firmadas entre os membros de uma comunidade onde está implantado um projeto de TBC, bem como as relações da comunidade com atores sociais externos. Nessa categoria foram submetidos a avaliação por parte dos especialistas 4 indicadores.

O primeiro deles, “Índice de adesão dos membros em organizações e associações” obteve média de 3,47 pontos, num total de 4. Entende-se que as organizações e associações promovem a união e a confiança e, por conseguinte, ajudam na formação do Capital social. Assim, espera-se que quanto mais coesa for a comunidade, maior seja a porcentagem de membros participantes ativos das organizações e associações. Vale ressaltar que foi sugerido que, da mesma forma que o indicador da categoria “confiança”, “Nível de confiança nas organizações e associações”, esse também pode ser desdobrado em 2 indicadores, especificando a natureza de cada ator, como organizações do terceiro setor – ONG’s e associações de moradores, artesão, etc. Portanto, optou-se por dividir esse indicador em 2.

O segundo indicador do grupo, “Índice de participação voluntária nas ações”, obteve média 3,79. Entende-se por participação voluntária qualquer trabalho feito sem que haja remuneração. Portanto, numa comunidade, quanto maior o Capital Social, mais os membros se dispõem a ajudar uns aos outros voluntariamente para que se alcance objetivos comuns. Foi muito ressaltado o valor das ações voluntárias, principalmente pelos especialistas que trabalham diretamente com ou nas comunidades onde estão implantados os projetos de TBC. Sendo assim, mantém-se o indicador com a mesma redação e formato.

O terceiro indicado do grupo “Redes”, “Sentimento de “posse” do projeto expresso pelos membros”, foi muito discutido durante as entrevistas. Apesar de obter média 3,68, que pode ser considerada alta, atestando sua importância. Optou-se por reescrevê-lo substituindo a expressão “posse” por “pertencimento”, pois explicita melhor o caráter identitário do Capital Social, além de ser uma mudança sugerida por mais de um especialista.

Por fim, o indicador “Nível de preocupação dos membros com a perenidade / continuidade do projeto”, último da categoria, obteve média de 3,74. A maioria dos entrevistados julgou-o de extrema importância, pois a falta de uma cultura de se pensar em longo prazo um projeto implantado tem se mostrado, muitas vezes, como principal fator de insucesso observado nas iniciativas de TBC. Foi enfatizado por um entrevistado

o fato de que é muito raro um projeto, cujas ações tenham como objetivo um resultado em longo prazo. Todavia, os envolvidos precisam desenvolver a preocupação com a longevidade do projeto e com os caminhos pretendidos para o futuro. Destarte, optou-se por manter o indicador tal qual foi concebido.

Na última categoria, “Infraestrutura e qualidade de vida”, foram submetidos à validação 6 indicadores.

O primeiro indicador é o “Número de delitos cometidos entre os membros” que obteve média de 3,11 entre os pesos atribuídos. Espera-se que, numa comunidade coesa, o número de delitos entre os membros seja baixo, pois há um nível maior de Capital Social que agiria como inibidor, fazendo com que tendam a zero. Sendo assim, mantém-se o indicador inalterado.

O próximo indicador é o “Percentual de membros capacitados para sua atividade no projeto” que obteve média de 3,32. Entende-se que um número expressivo de membros capacitados pode aumentar o sucesso do projeto, diminuindo o amadorismo e aumentando o Capital Social. Quanto mais profissional é o trabalho desempenhado pelos membros, mais o projeto poderá ser fator de coesão da comunidade e, logo, espera-se um maior nível de Capital Social. O processo de empoderamento perpassa pela educação e capacitação e, por isso, esse indicador também foi mantido.

Ligado à capacitação está o processo de multiplicar os conhecimentos e técnicas aprendidos entre os demais membros. Sendo assim, o próximo indicador, “Percentual de funções que contam com membros multiplicadores de conhecimento”, também foi muito bem avaliado, com média 3,16. Esse elemento também está ligado à preocupação dos membros com ações de longo prazo, visando o futuro e a continuidade do projeto. Portanto, espera-se que, num projeto, com alto nível de Capital Social, haja muitos membros responsáveis pelo aumento e constância do profissionalismo dos demias. Destarte, foi mais um indicador mantido tal qual foi adaptado da literatura.

Embora o próximo indicador tenha obtido uma média de 2,95, menor que as médias dos outros indicadores da categoria, a “Variação da renda mensal dos membros” é importante para a formação do Capital Social. Entende-se que se não há uma geração de emprego, bem como uma melhoria da renda, o projeto pode estar fadado ao fracasso e, sendo assim, não há formação de Capital Social. O empoderamento de uma comunidade está refletido na qualidade de vida de seus membros, no alto índice de empregos formais, na mão de obra cada vez mais capacitada, bem como na melhoria da renda. Esse indicador foi o que teve um comportamento mais contraditório de todos, recebendo tanto notas altas, quanto baixas, o que motivou a manutenção do indicador na listagem final, apesar do choque de opiniões.

Para que um projeto obtenha sucesso e conte com um alto nível de Capital Social, é importante que ele “se espalhe” pela comunidade. Portanto, quanto mais indivíduos envolvidos, maior será a coesão dos membros em torno dele. É disso que trata o próximo indicador, “Percentual de membros da comunidade, em idade laboral, que trabalham no projeto”, que obteve média de 3,21 entre os entrevistados. Portanto, quanto mais coesa for a comunidade, maior o número de pessoas que trabalham no projeto. Logo, entende-se a importância do indicador e optou-se também por mantê-lo.

Entende-se também que uma comunidade é formada por diversas famílias, portanto quanto maior o “Percentual de famílias com membros que trabalham no projeto”, último indicador que obteve média 3,37, maior será o envolvimento da comunidade como um todo e, por conseguinte, maior o nível de Capital Social. Sendo assim, os entrevistados julgaram pertinente o indicador o qual também foi mantido inalterado.

Diante do exposto, do conjunto original de indicadores, após validação por um grupo de especialistas no assunto, propõe-se um novo conjunto de indicadores e espera-se dar continuidade ao trabalho, levando-os a campo para um pesquisa em projetos já implantados de TBC. Nota-se que alguns indicadores permaneceram, outros foram desdobrados em 2, outros foram reescritos e alguns, ainda, foram removidos.

Tabela 2 - Indicadores adaptado pela literatura e Indicadores finais

Grupo	Indicador adaptado da literatura	Novo indicador
Confiança	Nível de confiança interpessoal dos membros.	Nível de confiança interpessoal dos membros.
	Nível de confiança nas organizações e associações.	Nível de confiança nas organizações do terceiro setor.
		Nível de confiança nas associações.
	Nível de confiança nos líderes locais.	Nível de confiança nos líderes locais.
	Nível de confiança nas empresas parceiras.	Nível de confiança nas empresas parceiras.
	Presença ou não de apoio governamental.	(Indicador removido)
	Grau de aceitabilidade incondicional de novos membros, estranhos à comunidade, no projeto.	Aceitabilidade ou não de novos membros no projeto.
Redes	Índice de adesão dos membros em organizações e associações.	Índice de adesão dos membros em organizações do terceiro setor.
		Índice de adesão dos membros em associações.
	Índice de participação voluntária nas ações.	Índice de participação voluntária nas ações.
	Sentimento de “posse” do projeto expresso pelos membros.	Sentimento de “pertencimento” dos membros para com a comunidade.
	Nível de preocupação dos membros com a perenidade / continuidade do projeto.	Nível de preocupação dos membros com a perenidade / continuidade do projeto.
Infraestrutura e	Número de delitos cometidos	Número de delitos cometidos

qualidade de vida	entre os membros.	entre os membros.
	Percentual de membros capacitados para sua atividade no projeto.	Percentual de membros capacitados para sua atividade no projeto.
	Percentual de funções que contam com membros multiplicadores de conhecimento.	Percentual de funções que contam com membros multiplicadores de conhecimento.
	Variação da renda mensal dos membros.	Variação da renda mensal dos membros.
	Percentual de membros da comunidade, em idade laboral, que trabalham no projeto.	Percentual de membros da comunidade, em idade laboral, que trabalham no projeto.
	Percentual de famílias com membros que trabalham no projeto.	Percentual de famílias com membros que trabalham no projeto.

Fonte: Elaboração própria

5. Conclusões / Considerações Finais

Um conjunto de indicadores que seja capaz de medir Capital Social em projetos de Turismo de Base Comunitária pode servir de instrumento para estudar os fatores de sucesso e de fracasso de projetos implantados, bem como de auxiliar na tomada de decisões por parte dos gestores.

Sendo assim, ter chegado a esse conjunto é o resultado esperado de todo o processo da pesquisa. Para tanto, a etapa de avaliação e de validação dos indicadores, por parte dos especialistas envolvidos em TBC, foi crucial, pois foi aí que os indicadores adaptados da literatura e já utilizados em outros tipos de projeto puderam ser indicadores de Capital Social em Turismo de Base Comunitária.

Foi observado, de maneira muito pertinente, que um trabalho como esse precisa ser “somente o começo”, ou seja, que após a definição e validação dos indicadores, eles precisam ser realmente utilizados em tentativas de medir o Capital Social em comunidades com projetos de TBC já implantados.

Portanto, é de intenção dar continuidade ao trabalho em outras oportunidades, para que, assim, o trabalho extrapole a esfera teórica e possa realmente contribuir de maneira prática para o desenvolvimento e o empoderamento de indivíduos e comunidades.

Mediante ao exposto no presente artigo, fica a certeza de que Capital Social tem tanto valor e importância quanto qualquer outro tipo de capital, deve ser medido e ser devidamente valorizado.

Uma das dificuldades na elaboração deste artigo foi o estabelecimento de indicadores mensuráveis para ser utilizados nas futuras atividades práticas e trabalhos de campo. Sabe-se que relações humanas que compõem o capital social são várias e se distinguem em cada situação estudada, portanto, a abstração do tema pode ser um dificultador. Porém, a literatura tem ajudado e, ainda que especialistas no assunto

assumam que sempre há um risco na tentativa de se mensurar algo abstrato, torna-se possível adaptar indicadores utilizados em outros contextos no contexto do TBC.

Segundo Portes (2000, p. 2), “as transações que envolvem capital social tendem a ser caracterizadas por obrigações tácitas, por horizontes temporais incertos, e pela possibilidade de violação das expectativas de reciprocidade”.

Além disso, não foi encontrada, até o presente momento, nenhuma literatura que tratasse especificamente de Capital Social em projetos de Turismo de Base Comunitária. O que, por um lado, pode ser um agente dificultador, porém, por outro, confere ineditismo e originalidade ao artigo aqui apresentado e torna à pesquisa mais extensa e prática.

Referências

- ARAÚJO, M.D. **Capital Social**. 2 edição, Rio de Janeiro, Zahar, 2010.
- BARTHOLO, R. DAVIS, G.S. BURSZTYN, I. **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**, Nova Letra Gráfica e Editora, Rio de Janeiro, 2009.
- BENI, Mario Carlos. **Sistema de Turismo - SISTUR Estudo do Turismo face à Moderna Teoria de Sistemas**. São Paulo: Revistas Usp, 1990.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Dinâmica e Diversidade do Turismo de Base Comunitária: desafio para a formulação de política pública**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- CORIOLOANO, Luzia N. M. T. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.
- CORIOLOANO, L.N.M.T. **Litoral do Ceará: espaço de poder, conflito e lazer**, Revista da Gestão Costeira Integrada, 2008
- FABRINO, Nathália Hallack. **Turismo de base comunitária: dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos**. 2013. 185 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- GIBBS, Grahah. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- IRVING, M de A. **Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária. Inovar é possível**. In: BARTHOLO, R; SAN SOLO, D; BURSZTYN, I. (orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Brasília: Letra e Imagem, 2009.
- MÁRQUEZ, Domingas. FORONDA, Concepción. *El capital social ejedeldesarrolloenespaciosrurales*. Valência, 2005.
- MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina gênese, características e políticas. In.: BARTHOLO Jr., R. SAN SOLO, D.G., BURSZTYN, I (org). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- MERRIAM, S. **Qualitative research: a guide to design and implementation**. San francisco: jossey-bass, 2009,
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Bagaço, 2005.
- PORTES, Alejandro. **Capital Social: Orígenes e aplicações na sociologia contemporânea**. Trad. Frederico Ágoas. Sociologia, Problemas e Práticas n.33 Oeiras set. 2000.
- RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 2008.
- SANCHES, C. MEIRELES, M. DE SORDI, J. O. **Análise Qualitativa Por Meio da Lógica Paraconsistente: Método de Interpretação e Síntese de Informação obtida**

Por Escalas Likert. III Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. João Pessoa: 2011.

SAMPAIO, C.A.C.. **Turismo como fenômeno Humano:** princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação do turismo comunitário. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANTOS, Manoel Leonardo. ROCHA, Enivaldo Carvalho. *Capital social e democracia: a confiança realmente importa?* Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 19, n. 38, p. 43-64, fev. 2011.

TABOSA, F. & MAYORGA, R. & FILHO, A. & KHAN, A. *Análise de capital social e qualidade de vida da população rural: Um estudo de caso no município de Itarema, estado do Ceará.* Revista de Economia, v. 36, n. 1 (ano 34), p. 49-66, jan./abr. 2010.

Editora UFPR